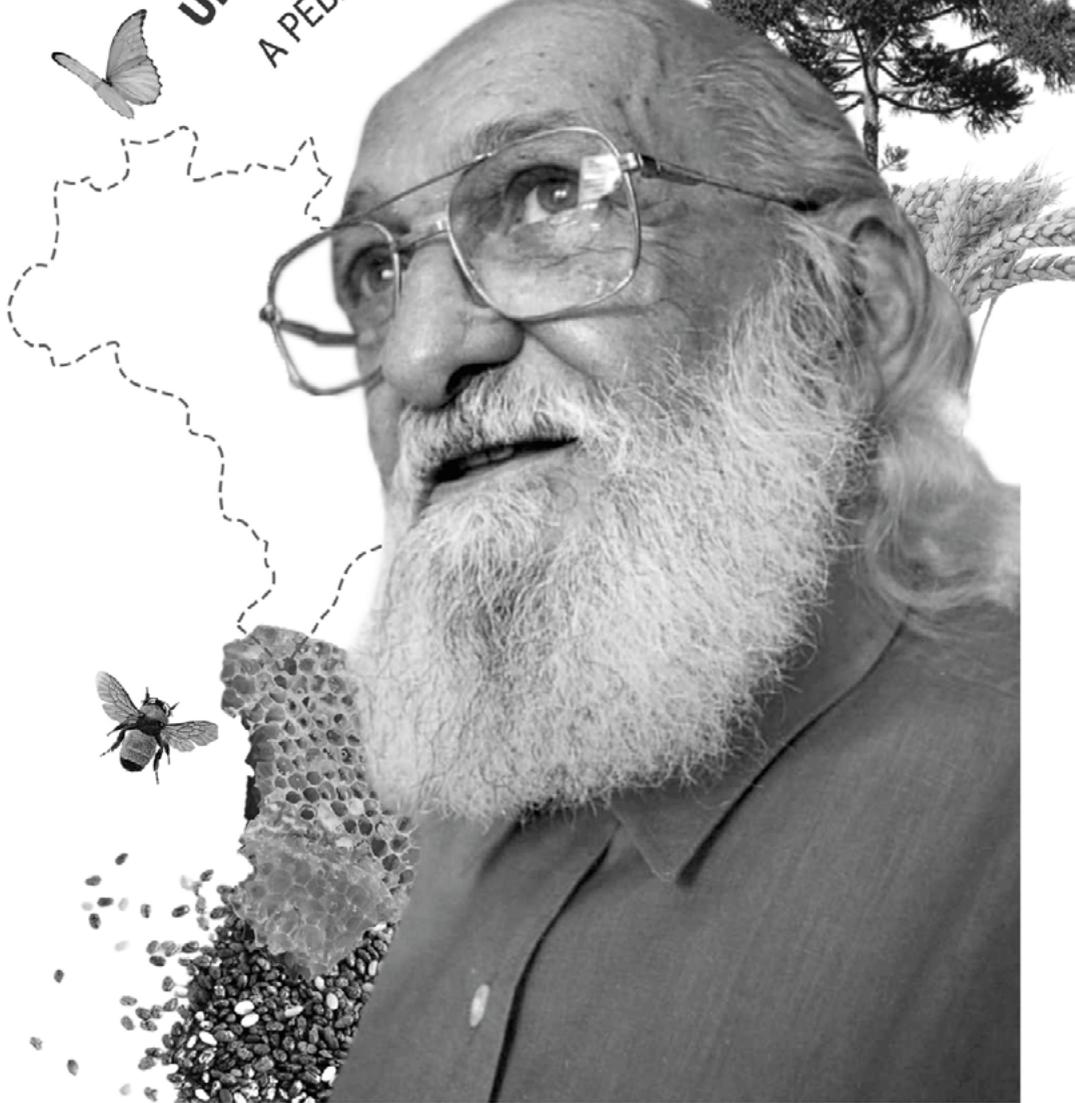


UMA PEDAGOGIA HUMANIZADORA A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE



ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA 2022



Apoio:



Realização:

SECRETARIA NACIONAL DE
INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

GOVERNO
FEDERAL

TERMO DE FOMENTO
Nº 857556/2017

VERSÃO DIGITAL

SÉRIE
HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO

CADERNO 1

UMA PEDAGOGIA HUMANIZADORA
A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA
DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA
2022



REVISÃO DO TEXTO Lucas Paulatti Kassar

CAPA Rayane Costa

DIAGRAMAÇÃO Luciane de Carvalho Hulyk

A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE: UMA PEDAGOGIA
HUMANIZADORA

Caderno 1 da Série História Social do Trabalho

Texto básico elaborado por Gisele Carneiro
Subsídio referente à primeira etapa da Escola de Formação
Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária



institucional.cefuria@gmail.com
(41) 3225-5582 / (41) 3322-8487
<http://www.cefuria.org.br/>

4ª edição
Curitiba, junho de 2022

IMPRESSO POR LUNAGRAF GRÁFICA E EDITORA

sumário

apresentação.....	7
educar para domesticar ou para libertar?	9
quem foi Paulo Freire?.....	11
Uma educação subversiva	12
Volta à pátria.....	13
as origens da opressão no Brasil.....	15
Cinco séculos de opressão	18
pedagogia do oprimido.....	20
Educação bancária e educação libertadora.....	20
Diálogo	21
Medo da liberdade	23
Libertação	24
Mitos ligados à opressão	24
Pedagogia Descolonial	26
educação popular e economia solidária	27
União, organização, síntese cultural	32
considerações finais	37

apresentação

Este caderno é dirigido a você, educadora ou educador popular que faz parte da economia solidária, seja como participante de algum coletivo de produção ou prestação de serviço, seja como pertencente à entidade de apoio, estudante, praticante do consumo solidário ou que deseja conhecer sobre esta outra economia.

Economia solidária é um jeito diferente de produzir, prestar serviço, comercializar, consumir, se organizar. Trabalhamos para garantir o nosso sustento, conquistar vida digna, para sermos felizes e construirmos um mundo melhor de se viver.

Economia solidária tem alguns princípios fundamentais: autogestão, solidariedade, cooperação, trabalho coletivo, cuidado com o meio ambiente. No último caderno desta coleção, aprofundaremos o estudo sobre estes princípios.

As pessoas que participam da economia solidária, em geral, são também educadoras, porque têm a responsabilidade de irradiar, por meio do diálogo, esta forma diferente de organização.

Elegemos Paulo Freire como educador a nos iluminar nesta caminhada. Para estudar este autor, é preciso abertura suficiente para desconstruir pensamentos, questionar crenças e práticas enraizadas em nosso modo de ser e agir.

Buscamos, aqui, associar o pensamento de Paulo Freire ao nosso trabalho, visando qualificá-lo. Recomendamos, com insistência, a leitura das suas obras, porque nenhuma cartilha pode substituir a riqueza, complexidade e beleza contida nos seus escritos originais – que são resultados da prática libertadora, a qual ele dedicou a sua vida.

MOMENTO DE CIRANDA COM PARTICIPANTES DA 1ª ETAPA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. 27/06/2022. CECOPAM. CURITIBA-PR.



educar para domesticar ou para libertar?

Vamos fazer uma viagem no tempo e voltarmos à época da infância, na escola?

Nossa vontade era a de correr, brincar, nos movimentarmos; também tínhamos curiosidade e queríamos conhecer o mundo, fazíamos muitas perguntas. No entanto, em sala de aula, precisávamos permanecer nas nossas carteiras lidando com conteúdos que nem sempre respondiam nossas perguntas e, de modo geral, não nos interessavam. Nossas preocupações eram outras: queríamos saber, por exemplo, como nos defendermos de crianças maiores do que nós. Gostaríamos de saber por que pessoas adultas são imprevisíveis e como lidarmos com eles.

Que tal fazermos a seguinte pergunta a uma criança:

O que você estuda na escola tem relação com a sua realidade?

O que precisa e gostaria de aprender para ter uma vida melhor?

Nós fizemos esta pergunta a uma menina de 12 anos. A princípio ela disse que precisava aprender raiz quadrada. Quando perguntamos se a raiz quadrada a ajudaria a resolver problemas por ela vivenciados, ela sorriu e pensou um pouco mais. Foi quando disse que gostaria de aprender a fazer trabalho em grupo, porque quando há trabalho em grupo na escola, as crianças não se entendem: brigam ou ninguém quer fazer o trabalho, que acaba sendo realizado por uma ou duas crianças. Depois de pensar mais um pouco, ela disse com muita convicção que gostaria de aprender como deixar de ser tímida. Que a timidez atrapalha muito nos relacionamentos com outras crianças e adultos.

Por que nem sempre se prepara as crianças para o trabalho em equipe? Tentativas malsucedidas de entendimento no coletivo podem levar ao isolamento, o que reforça o individualismo reinante na sociedade.

Por que não é comum nas escolas práticas de oratória? Ou técnicas de expressão verbal e gestual, ou o incentivo ao diálogo, ao questionamento, à capacidade de decisão, para que crianças percam o medo de se expor, exercitem a capacidade crítica e posicionamento?

Por que se incentiva a competição?

A educação está a serviço de quem? De qual projeto de sociedade?

Estes e tantos outros dilemas foram tratados por Paulo Freire, que sempre se dispunha a ouvir, refletir e intervir. Paulo Freire aprendeu muito! Dialogou com crianças, adultos, trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade. Descobriu que todas as pessoas possuem um saber que deve ser valorizado, mesmo que não tenham tido a oportunidade de frequentar salas de aula.

Não há neutralidade na educação, ela pode favorecer quem oprime e servir à manutenção das estruturas sociais injustas ou pode servir a uma nova e melhor vida social. Pode equipar as pessoas para a competição ou para a cooperação.

Nós, educadoras e educadores que atuamos com economia solidária, exercemos um papel muito importante na sociedade, porque mostramos com nosso modo de ser e de agir, que é possível uma forma diferente de trabalho, de relacionamento, de “estar no mundo”. Ouvimos de participantes da Rede Mandala, a nossa Rede Paranaense de Economia Solidária Campo-Cidade, que economia solidária é “um modo de vida” e não somente uma modalidade de trabalho. É isso mesmo! Uma forma diferente de viver, e por isso podemos dizer que estamos construindo um mundo novo.

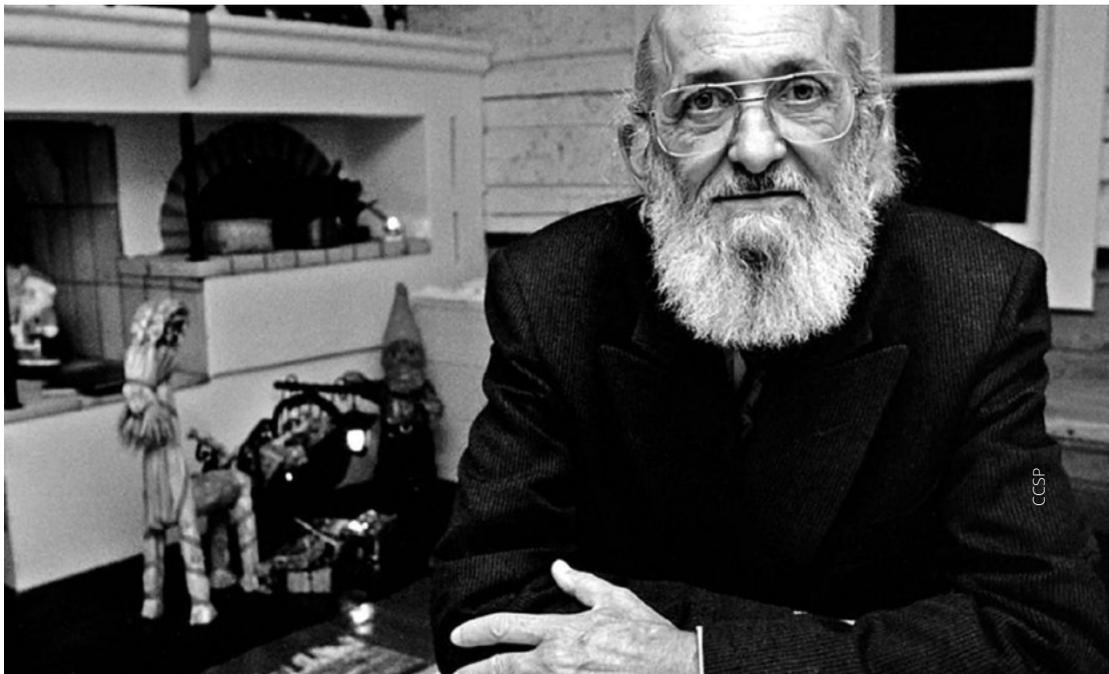
A seguir, vamos conhecer Paulo Freire, que propõe uma nova concepção de educação, que tem como base o diálogo.

quem foi Paulo Freire?

Paulo Freire foi um educador, escritor e filósofo brasileiro, conhecido e referenciado no mundo inteiro. Um dos pensadores mais admirados da pedagogia mundial. Seus livros foram traduzidos para mais de 20 idiomas.

Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, em 1921 e foi alfabetizado pelos próprios pais, brincando com gravetos, no quintal, à sombra das mangueiras. Houve momentos em sua infância nos quais conviveu com a miséria e a fome. Aprendeu o diálogo na família, mesmo que seus pais tivessem religião diferente: o pai era espírita e a mãe católica. Freire dizia que as mãos de seus pais não haviam sido feitas para machucar os filhos, mas para ensinar-lhes a fazer coisas. Desenvolveu seus estudos com dificuldade e, mais tarde, formado em direito, abandonou a profissão de advogado logo depois da primeira causa,

PAULO FREIRE. CENTRO CULTURAL SÃO PAULO



porque não foi capaz de penalizar um jovem dentista em início de carreira que não conseguira honrar dívidas contraídas.

Após desistir de ser advogado, Paulo Freire foi trabalhar com docentes, crianças e pais da base do SESI – Serviço Social da Indústria – de 1947 a 1957. Descobriu que, como educador popular, precisava utilizar a linguagem do povo para com ele se comunicar, sempre partindo da realidade das pessoas, sem discursos complicados.

Uma educação subversiva

O final dos anos 1950 e início dos anos 1960 foi um período rico na história do Brasil. Havia uma efervescência de ideias de transformação e justiça social. Paulo Freire foi se formando neste contexto, participou do Movimento de Cultura Popular do Recife, quando foi realizada a experiência de Angicos (RN), que alfabetizou 300 pessoas em 45 dias. Por essa experiência foi convidado pelo presidente João Goulart para coordenar a Campanha Nacional de Alfabetização. O trabalho foi implementado em junho de 1963 e durou até março de 1964, quando foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais dos estados brasileiros.

Infelizmente, o golpe militar¹ no Brasil, em 1964 interrompeu um grandioso projeto de alfabetização libertadora que iria se espalhar por todo o país. Paulo Freire foi preso, tido como comunista subversivo e depois foi expulso do Brasil. A Campanha Nacional de Alfabetização foi denunciada publicamente pela ditadura como perigosamente subversiva. Em toda parte educadoras e educadores foram presos e trabalhos de educação, condenados².

Em outros países, Paulo Freire continuou sua luta com o povo. Esteve nos Estados Unidos, Europa e África. O Chile foi o país amigo que o recebeu, entre muitos outros brasileiros exilados, e lá viveu com sua família por cinco

1 Também chamado golpe civil militar ou golpe empresarial militar. Ver COSTA, Ívina. Empresarial-militar, civil-militar ou somente militar? Três conceitos para definir o mesmo golpe. Nov. 2014. Disponível em <https://nucleopiratininga.org.br/empresarial-militar-civil-militar-ou-somente-militar-tres-conceitos-para-definir-o-mesmo-golpe/> Acesso em Jun. 2022.

2 BRANDÃO, Carlos Henrique. O que é método Paulo Freire. 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 19

anos. No Chile foi escrita a sua obra mais famosa: *Pedagogia do Oprimido* (1968). Depois de passar por outros países, Paulo Freire se instalou na Suíça, onde trabalhou no Conselho Mundial de Igrejas e de onde viajou para a África, ajudando os povos que acabavam de se libertar do jugo colonial a organizarem seus sistemas de ensino.

Volta à pátria

De volta ao Brasil, anos depois, Paulo Freire continuou seu trabalho de educador e escritor, lecionando em universidades. Tudo o que escreveu foi a partir do que ele viveu, a partir do que aprendeu com as classes populares. Movido pela crença absoluta no ser humano, na sua capacidade reflexiva e decisória, a vida de Freire foi dedicada à construção de uma educação libertadora, com base no diálogo, que ele entendia ser o principal caminho para a transformação social.

Em 1989, Paulo Freire assumiu a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo. Ocasão em que propôs construir uma pedagogia crítica e dialógica³. Na sua gestão foi criado o Movimento de Educação de Jovens e Adultos – MOVA.

Paulo Freire faleceu em 1997, aos 75 anos, de um infarto. Foi condecorado com mais de 40 títulos honoríficos e é considerado o Patrono da Educação Brasileira. Conhecido e admirado em todo o mundo, o livro *Pedagogia do Oprimido* foi traduzido para mais de 20 idiomas.

Por que Paulo Freire é perseguido e buscam difamar o seu nome, mesmo após mais de 25 anos de seu falecimento? Porque ele propõe uma pedagogia crítica, que possibilita às pessoas *lerem* o mundo e transformarem as relações de opressão. Uma pedagogia que propõe educar para a autonomia, liberdade e consciência do papel do ser humano na história.

Algumas palavras importantes na pedagogia freireana são: esperança, utopia e história. Sem esperança, o ser humano desiste de viver, desiste de lutar. Cabe à educadora e ao educador popular, rejeitar o fatalismo e a descrença no ser humano. Importante acender, sustentar e irradiar a chama da esperança. A

3 FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 190-191.

utopia é irmã da esperança e contém dois momentos: (1) denúncia à realidade injusta e desumanizadora; (2) anúncio da justiça e humanização, dando passos concretos para a realização. História é, igualmente, irmã da esperança e da utopia: importante conhecer a história para nela ler *possibilidades* e não determinismos, ou seja: “o mundo não é, o mundo está sendo”. É possível promover rupturas, modificar o rumo dos acontecimentos, vencer o fatalismo. História envolve movimento e contradições, que precisam ser conhecidas para que possamos compreender a realidade vivida e responder perguntas do presente.

Então vamos rever, de forma breve, a história do Brasil para compreendermos alguns dilemas da nossa época?

as origens da opressão no Brasil

Nosso país foi formado em meio à dominação, genocídio e exploração de seres humanos e da natureza.

Colonizadores europeus, para satisfazerem o apetite por riquezas materiais, escravizaram e sequestraram povos africanos nos seus territórios e os trouxeram, forçados, para o trabalho no Brasil.

Ao descrever os massacres e torturas aos povos originários e africanos escravizados, Darci Ribeiro diz que “nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal que também somos”⁴.

Para Paulo Freire, a opressão desumaniza não só a vítima da opressão, mas, sobretudo, quem oprime, porque não pode haver humanidade na prática da violência. É por isso que quem oprime precisa de libertação, e quem pode fazer isso pelos dois é a vítima da opressão, no seu engajamento pelo resgate de sua humanidade.

Paulo Freire diz, também, que todas as pessoas, em maior ou menor grau, hospedam dentro de si um opressor, e que esse opressor que reside em nós precisa ser identificado e expulso para que possamos nos humanizar.

Você já se descobriu oprimindo alguém? Já identificou situações ou momentos em que teve um comportamento autoritário, deixou de ouvir e

4 RIBEIRO, Darci. O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

compreender a outra pessoa, fez prejulgamentos, falou alto ou com rispidez e depois sentiu desconforto por isso?

Paulo Freire lembra que a violência é inaugurada pelo opressor. Ele diz assim:

“Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se são eles o resultado de uma violência? Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro (...) Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua ‘generosidade’, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas conforme se situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa” ou de ‘selvagens’ ou de ‘nativos’ ou de subversivos; são sempre os oprimidos que desamam, são sempre eles os violentos, os bárbaros, os malvados, os ferozes, quando reagem à violência dos opressores⁵”.

O período pré-colonial e colonial no Brasil durou 322 anos, de 1500 a 1822. Até 1808 predominava a economia agrícola, em especial a monocultura do açúcar, além da mineração, com predomínio do trabalho escravo.

Quando a família real chegou ao Brasil, em 1808, a vida urbana se impôs intensamente. Os latifúndios com os senhores “todo poderosos” perderam o protagonismo a favor dos “nobres” da corte, da burguesia comerciante que se enriquecia a cada dia e dos “doutores” formados na Europa. A vida urbana passou a ser um grande atrativo, com a criação de várias atividades: floresceu o comércio, surgiram bibliotecas, teatros, escolas. Desenvolveu-se uma intensa vida cultural e mercantil, com práticas e valores importados e profundo desprezo pelo povo nativo e a cultura local.

A urbanização não chegou a tocar nas relações de opressão em vigor no Brasil. Houve, sim, disputa de poder entre senhores de terras e a burguesia opulenta. A maior parte do povo brasileiro continuou oprimido, atrelado às

5 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 27. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 42-43.

relações de subordinação, sem chance de participar de qualquer experiência democrática.

As pessoas simples não participavam nas Câmaras Municipais, Senado e outras instituições. A pessoa comum não votava, não era votada e não era chamada a participar das decisões. Somente pessoas privilegiadas podiam governar a comunidade municipal, chamadas de “nobres de linhagem”, “homens bons” ou comerciantes bem-sucedidos.

No final do século XIX, depois da abolição da escravatura, a elite preocupada com o grande número de negros e mestiços no Brasil, promoveu incentivos à vinda de imigrantes europeus para ocuparem o lugar de trabalhadoras e trabalhadores escravizados, agora libertos. Buscou-se o “branqueamento do Brasil”, porque julgava-se que havia excesso de indígenas, negros e mestiços no país, sendo considerados raça inferior.

Pessoas escravizadas, agora *libertas*, se viram sem trabalho, sem-terra, sem teto, sem bens. Anos antes da Lei Áurea, foi aprovada a “Lei de Terras” (1850): a obtenção da terra só passou a ser possível por meio da compra de grandes áreas (latifúndios) junto ao governo. Estava definida a estrutura fundiária no Brasil, ou seja: grandes extensões de terras agrárias sob a posse de poucas pessoas para explorá-las comercialmente⁶.

Com a chegada de imigrantes no Brasil houve um surto de industrialização. Iniciou-se uma nova economia de trabalho *livre* e o desenvolvimento da urbanização.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela ascensão dos movimentos sociais, protagonizados por indígenas, negros, mestiços e imigrantes europeus, que vinham da Europa influenciados por ideias comunistas e anarquistas. Houve reação e repressão, por parte das forças dominantes, com golpes de estado e um período de ditadura, que iniciou em 1937 e só terminou

6 WESTIN, Ricardo. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. Senado Federal. Set. 2020. Disponível no link <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios> - Acesso em Jun. 2022.

em 1945. Buscava-se combater o protagonismo do povo oprimido e manter os privilégios da elite rural e urbana.

A década de 1950 foi de um novo e gradual fortalecimento dos movimentos sociais, com destaque para a grande Greve Geral, em 1953, envolvendo 300 mil trabalhadoras e trabalhadores, bem como outras ações organizadas por grupos do campo e da cidade, em busca de melhores condições de vida. Foi um período de expansão das indústrias e de intenso desenvolvimento tecnológico. No entanto, ao mesmo tempo, cerca de 50% da população não era alfabetizada!

A primeira metade da década de 1960 também foi de efervescência de movimentos sociais. Paulo Freire estava fortemente engajado na já relatada experiência de alfabetização em Angicos. Porém, mais uma vez, ocorre um golpe militar em 1964, que durou até a década de 1980, perseguido e assassinando diversas pessoas e reprimindo os ideais de liberdade da população brasileira.

O fim da ditadura militar, no início da década de 1980, possibilitou um novo levante dos movimentos dos movimentos sociais, com o nascimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, do Partido dos Trabalhadores, da Central Única dos Trabalhadores, entre outros.

O início do novo milênio é de grande importância para o Brasil: pela primeira vez na história do país, mandatos populares assumem o governo por meio de eleições diretas e possibilitam melhorias de vida para a população. Ampliam-se os canais democráticos e cria-se condições para que o Brasil pela primeira vez saia do mapa mundial da fome. No entanto, as elites econômicas e forças conservadoras derrubam em 2016 um governo eleito democraticamente, e em 2018 a extrema direita assume o poder no Brasil. Aprofundam-se a pobreza e as desigualdades sociais: o país volta ao mapa da fome e o analfabetismo cresce.

Cinco séculos de opressão

Vimos que por praticamente 500 anos o povo brasileiro vem sendo oprimido, ignorado, emudecido, desumanizado. Paulo Freire adverte que a consciência popular democrática não floresce automaticamente, mas só no momento em que as pessoas vão ao debate, ao exercício da crítica, à reflexão

de sua realidade, de seus problemas comuns. A democracia, para ser autêntica, precisa ser construída pelas próprias mãos do povo.

Desde que povos da Europa chegaram ao Brasil, em 1500, até 1888, quando foi assinada a Lei Áurea, vigorou a escravização oficial de seres humanos, ou seja: 388 anos. Tomando como base o ano de construção desta cartilha (2022), temos somente 132 anos de “liberdade”.

Para que um ser humano possa ser considerado livre, é preciso que tenha assegurados direitos básicos que permitam o desenvolvimento social, político e econômico. Paulo Freire diz que liberdade está ligada à autonomia e responsabilidade, à consciência dos mecanismos de opressão. Portanto, a liberdade ainda não se concretizou, de fato, no Brasil.

pedagogia do oprimido

A pedagogia do oprimido é a pedagogia da libertação. É construída coletivamente e envolve desvelar/revelar o mundo da opressão e o comprometimento com a transformação desse mundo de opressão. Transformada a realidade opressora, a pedagogia deixa de ser a do oprimido e passa a ser a pedagogia das pessoas em processo de permanente libertação.

A educação libertadora toma como ponto de partida as situações concretas, presentes e existenciais que muitas vezes são desfavoráveis. Se apresentam como desafios a serem superados por meio da reflexão e ação – práxis - de forma individual e coletiva. Os temas geradores no processo educativo são o próprio pensar do povo, que não ocorre do nada, mas nas pessoas, na relação entre elas e delas com o mundo. A experiência educativa a partir dos temas geradores é feita em contínuo diálogo e deve ser objeto de reflexão coletiva, em um processo de investigação cada vez mais aprofundada e, ao mesmo tempo, em um “ir e vir”, buscando a aproximação com a totalidade da realidade vivenciada por educandas e educandos, educadoras e educadores.

Educação bancária e educação libertadora

Paulo Freire chama de educação bancária aquela na qual as pessoas fazem “grandes explicações”, “narrativas” ou “sermões”, como se fosse possível “depositar” nas cabeças para quem ela fala os conteúdos que ela acha importantes. Como se a outra pessoa fosse um “banco”, um “recipiente vazio”, um “papel em branco” que necessita ser escrito ou preenchido.

Os seres humanos têm saber, têm suas experiências de vida acumuladas, se alegram e sofrem devido a determinadas situações e história de vida. Cada saber é diferente, bem como as experiências vividas, que precisam ser considerados e valorizados.

Quando simplesmente “depositamos” ou transferimos informações nas cabeças das pessoas, ignorando sua realidade, seu próprio conhecimento e sua história de vida que se traduz em experiências acumuladas, estamos reproduzindo a opressão.

A educação popular, libertadora, envolve diálogo e o ponto de partida do diálogo é a realidade concreta das pessoas com quem se vai dialogar para transformar e construir o conhecimento.

A educação libertadora tem uma intencionalidade clara, que é transformar a estrutura política, econômica, social e cultural. É crítica, porque questiona e denuncia a desigualdade de poder e de recursos e as relações de opressão de determinados grupos e classe sociais sobre outros e dos seres humanos sobre a natureza.

Além de questionar e denunciar propõe e realiza outra forma de relação entre as pessoas e dessas pessoas com a natureza, com o planeta terra.

Podemos dizer que a economia solidária é irmã da educação popular: as duas caminham juntas porque têm a mesma intenção e o diálogo como base metodológica.

Diálogo

O diálogo tem como ponto de partida a realidade, o cotidiano, o pensar do povo. O conteúdo do diálogo se dá a partir da realidade vivida, a situação concreta, presente e existencial. Por exemplo, podemos abordar a defesa do meio ambiente a partir da foto de uma árvore antiga que fica perto do trajeto que percorremos para chegarmos ao trabalho e por ela passamos todos os dias. Podemos iniciar um diálogo sobre agroecologia com imagens de embalagens de alimentos transgênicos que consumimos todos os dias e que guardamos em nossas geladeiras, em um movimento de denúncia (alimento modificado e com veneno) e anúncio (alimento agroecológico).

Para que aconteça o diálogo libertador é preciso respeito, escuta e compreensão de que a realidade pode ser modificada, ela não é imutável. O diálogo envolve fazer perguntas (problematizações) que para serem respondidas é preciso pensar coletivamente. Pensar coletivamente é aproximar-se da realidade.



MOMENTO DE DISCUSSÃO EM GRUPO COM PARTICIPANTES DA 1ª ETAPA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. 27/06/2022. CECOPAM. CURITIBA-PR

Pensar coletivamente é diferente de pensar apenas para si, para alguém ou para um grupo. A transformação ocorre por meio das construções coletivas.

É assim que se estabelece o diálogo, é assim que retomamos a palavra que nos foi roubada no decorrer dos séculos. Paulo Freire reforça que o diálogo liberta e este libertar se dá de forma conjunta/coletiva: “não se pode afirmar que alguém liberta alguém ou que alguém se liberta sozinho, mas que as pessoas se libertam em comunhão. Com isso, não queremos diminuir o valor e a importância da liderança revolucionária, pelo contrário: estamos enfatizando esta importância e este valor”⁷. A liderança revolucionária, para Freire, é aquela que está a serviço da libertação da população, da transformação da sociedade.

Nas palavras de Paulo Freire: “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças”⁸.

7 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 27. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 130.

8 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 27. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 84.

Nosso papel como educadoras e educadores da economia solidária é motivar o diálogo, fazendo perguntas, pensando coletivamente, escutando as pessoas com atenção, em igualdade, buscando saídas coletivas para os problemas comuns.

Medo da liberdade

A liberdade assusta tanto quem domina quanto quem é vítima de dominação.

Quem domina não pratica o diálogo, pelo contrário, julga saber de todas as soluções para todos os problemas e apenas “deposita” conteúdos que acha adequados nas pessoas que considera como vasilhas “vazias”, ou preenchidas de forma “errada”.

Muitas lideranças pensam que estão a serviço da liberdade, mas na verdade estão reproduzindo o modelo de opressão a que foram desde crianças acostumadas a perpetuar. O medo se estabelece quando percebem que estão oprimindo.

Quem sofre dominação, por sua vez, tem medo de superar o papel de quem só recebe ordens ou orientações. Quando há um chamado para exercer protagonismo, sente medo de dizer o que pensa ou o que sabe, porque a autonomia e a responsabilidade representam um perigo. Podem tender a transferir a responsabilidade de transformação para o “divino” ou outra pessoa que considere à altura de exercer liderança.

Por meio do diálogo é possível dissolver o medo, despertar o protagonismo e se libertar. A educadora e o educador podem motivar o diálogo, desafiar e problematizar a situação vivenciada, ouvir com atenção cada fala, cada gesto, valorizar o que ouviu, organizar o conteúdo do diálogo na busca por uma **solução coletiva** adequada à questão apresentada.

Quantas vezes nós, que atuamos em grupos de economia solidária, esperamos que uma pessoa nos diga o que fazer e não dialogamos no coletivo?

Quantas vezes vivenciamos problemas no grupo e queremos que uma pessoa que achamos ser “chefia” resolva esses problemas?

Libertação

Paulo Freire diz que pessoas oprimidas, em geral, têm dentro de si um opressor. Ou seja, são seres “duplos” que, quando se veem com a possibilidade de exercer liderança, podem passar a oprimir. A libertação envolve, sobretudo, expulsar o lado opressor que existe em cada uma (um) de nós!

Que se realize um “parto” para que o ser opressor hospedado possa ser “expulso”, para que a liberdade possa se erguer e uma nova pessoa surgir, não mais desumanizada e não mais opressora, não mais expectadora passiva e nem a que domina um coletivo. Que surjam novas pessoas protagonistas, livres, sensíveis, empáticas, que tenham a capacidade de amar e de transformar a realidade de opressão.

Mitos ligados à opressão

Paulo Freire diz que há “inverdades” propagadas pelas elites para que seja possível manter a dominação e a estabilidade de quem está em situação de privilégios⁹. São mitos que se instalam no nosso ser como se fossem verdades inquestionáveis, realidades quase divinas, que não se pode sequer pensar em perguntar por que eles existem e muito menos os transformar.

9 Idem anterior.



1ª ETAPA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. 27/06/2022. CECOPAM. CURITIBA-PR

Como exemplo, citamos o mito neoliberal da “mão invisível do mercado”, segundo o qual o mercado seria sábio o suficiente para organizar toda a ordem social, bastando para isso, deixá-lo em liberdade e alimentá-lo. Esse argumento fundamenta a retirada do Estado em questões sociais, como saúde, educação, assistência, etc. abrindo o caminho para as privatizações. Você concorda que o mercado tem uma mão invisível que tudo organiza? A *mão do mercado* não busca o bem viver ou o bem comum, está à procura do lucro.

A *meritocracia* é um mito que está na base da aceitação da desigualdade. Bem descrita por Sandel¹⁰, a meritocracia representa a noção de que o sucesso depende única e exclusivamente dos talentos, capacidades e esforços individuais. Segundo a meritocracia, todas as pessoas podem ser bem-sucedidas, basta trabalhar e se esforçar. Você acha que isso é verdade?

Este mito – meritocracia - deixa de levar em consideração vários fatores existentes para que uma pessoa seja bem sucedida, como por exemplo: contribuição de família, de professoras e professores, amizades, ancestralidade, herança material, herança genética, saúde e até mesmo o fator “sorte”.

10 SANDEL, Michael. A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum? 6. Ed. Civilização Brasileira, 2020.

Foram 388 anos de escravização e desumanização de povos, no Brasil, o que gerou a situação de grande desvantagem que pesa sobre a maioria da população brasileira. A exploração do trabalho e dos recursos naturais enriqueceu pequenos grupos privilegiados, cujos descendentes usufruem até hoje dos resultados.

Um lado cruel da lógica meritocrática é que a culpa do fracasso recai sobre o próprio indivíduo, que muitas vezes sente humilhação e baixa estima social, tendendo a se isolar, a desistir das tentativas frustradas de conseguir ascender socialmente ou apenas usufruir de condições dignas de vida. Pode adentrar em estado depressivo e no imobilismo. Já os bem-sucedidos em geral são acometidos de arrogância e sentimento de superioridade, julgando com desdém e severidade quem não prosperou.

Foi criado o mito da superioridade racial europeia para tentar tornar natural a dominação dos povos originários latino-americanos pelos colonizadores, bem como para justificar o sequestro de africanos para o trabalho forçado. Estes mitos servem para naturalizar a manutenção de privilégios de uma classe sobre outra.

Pedagogia Descolonial

Dentre as abordagens teórico/práticas que denunciam as relações de dominação e contribuem com o processo de emancipação popular que podem ser pesquisadas e aprofundadas, temos, por exemplo, a vertente *descolonial*, que busca pensar e agir criticamente as relações de opressão vigentes na realidade latino-americana e contrapor a hegemonia representada pelo projeto colonial.

O paradigma dominante na nossa sociedade, o colonialismo, é um projeto violento, que nega as identidades e culturas originárias, nega a própria vida. Busca romper com saberes populares e promover esquecimento das culturas ancestrais dos povos, como forma de dominação.

Para fazer frente a esta violência, é preciso contínuo esforço de “deseducar” ou “desaprender” o que foi transmitido por meio da educação hegemônica, colonial, e recuperar a história, os saberes e culturas originárias dos povos latino-americanos¹¹.

11 RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Mórula Editorial, 2021.

educação popular e economia solidária

A economia solidária caminha junto com a educação popular. Não podia ser diferente! Como vamos aprender autogestão? Como vamos construir uma nova economia senão por meio de uma educação libertadora?

Princípio fundamental da economia solidária é a autogestão, que remete à igualdade, decisões coletivas e responsabilidade compartilhada em todo o processo de trabalho. O diálogo é, portanto, essencial para que seja possível a organização e a construção de uma cultura democrática. Grande desafio!

CURSO DE PANIFICAÇÃO COM INTEGRANTES DA ASSOCIAÇÃO DE PADARIAS COMUNITÁRIAS FERMENTO NA MASSA. EMPREENDIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO VINCULADO À REDE MANDALA. CURITIBA-PR

GISELE CARNEIRO



ECONOMIA SOLIDÁRIA

Em um coletivo de produção da economia solidária, todas as pessoas participantes resolvem juntas questões relativas à produção, compra de matéria prima, preços praticados, divulgação, comercialização, partilha dos resultados financeiros e das sobras da produção, investimentos necessários e muitas outras questões. Como se organizar coletivamente sem o diálogo fraterno?

Somos educadoras, educadores e lideranças da economia solidária, e vamos “beber na fonte” de Paulo Freire¹², que tem um capítulo no livro *Pedagogia do Oprimido*, sobre a liderança libertadora, que promove a transformação, a chamada liderança revolucionária. Vamos conhecer?

Paulo Freire aponta vários aspectos essenciais que a liderança revolucionária deve atentar para não reproduzir práticas opressoras. Seguem algumas delas:

» **Acreditar nas pessoas**

É importante uma inabalável fé no ser humano, a certeza de que cada um pode “ser mais”, pode responder a desafios e se envolver no processo de libertação. Cada pessoa possui qualidades que podem ser ressaltadas.

» **Problematizar mitos**

Problematizar é fazer perguntas que despertem dúvidas onde havia certezas.

» **Pensar com as pessoas e não para as pessoas**

Se a liderança não pensar com as pessoas com as quais atua ela corre o risco de ser opressora.

12 Escolhemos Paulo Freire como referência principal na Educação Popular, mas existem outras importantes referências nesta área que abrange desde o marxismo, a teoria crítica, a teologia da libertação, a teoria da dependência e a descolonialidade, uma escola de pensamento essencialmente latino-americana que objetiva libertar a produção de conhecimento da hegemonia eurocêntrica.

» Compreender que aprendemos fazendo

Nós não teremos a experiência do diálogo, da democracia, da tomada de decisão sem praticar. Paulo Freire diz que “não é na biblioteca que aprendemos a nadar, mas entrando na água”. Ao experimentar, erramos e acertamos, e aprendemos com os erros.

» Repartir o conhecimento, as informações, os saberes

As lideranças dominadoras utilizam o conhecimento para dominar, mas nós podemos utilizá-lo para libertar, lembrando que na economia solidária, só nos fortalecemos no coletivo, em união.

» Não querer ser uma “estrela individual”

Lembrar que somos constelação e avançamos em igualdade.

DIÁLOGO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR NA 1ª ETAPA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. 27/06/2022. CECOPAM. CURITIBA-PR.

GISELE CARNEIRO





GISELE CARNEIRO

1ª ETAPA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. GRUPO DE ESTUDOS. 27/06/2022. CECOPAM. CURITIBA-PR.

“O opressor elabora a teoria de sua ação necessariamente sem o povo, pois é contra ele.

O povo, por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, constituir a teoria de sua ação libertadora.

Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se refaz”.

Paulo Freire¹³

13 Idem acima, p. 183.

**“Imagina-te como uma parteira,
acompanhas o nascimento de alguém,
sem exibição ou espalhafato.**

Tua tarefa é facilitar o que está acontecendo.

**Se deves assumir o comando, faze-o de
tal modo que auxilies a mãe e deixes
que ela continue livre e responsável.**

Quando nascer a criança, a mãe dirá com razão:

“Nós três realizamos esse trabalho”

Lao Tse

MÍSTICA FINAL DA 1ª ETAPA DA ESCOLA DE FORMAÇÃO BÁSICA MULTIPLICADORA
EM ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA. 27/06/2022. CECOPAM. CURITIBA-PR.



União, organização, síntese cultural

A autogestão depende do diálogo e conforme se expande, promove, aos poucos, transformações nas estruturas sociais. Trata-se de um grande desafio, porque a lógica vigente na sociedade é aquela que busca dividir as pessoas por meio da competição.

A realidade não nos é mostrada em sua totalidade, ao contrário, é apresentada em fragmentos, como se fossem peças de quebra cabeças impossíveis de se montar.

Por isso é importante perseguirmos a união, a fraternidade, o diálogo e a solidariedade, na busca por compreender o mundo que nos cerca, dar passos certos na direção que desejamos caminhar e erguer alicerces que sustentem o projeto de sociedade que queremos construir. Isso envolve cortar o “cordão umbilical” que nos liga a um mundo competitivo e selvagem.

Paulo Freire, ao explicar como e por que sofremos processos de opressão, dá pistas de como podemos resistir e buscar outros caminhos, que levem a outro modo de vida. As classes dominantes têm um projeto e uma teoria de ação que busca a manutenção dos seus próprios privilégios. Nós, da classe trabalhadora, também contamos com um projeto antagônico ao das elites, que envolve diálogo e fraternidade e leva a outro modo de vida.

Resistir à naturalização da opressão envolve refletir sobre a cultura, ou seja, o conjunto de conhecimentos, crenças, costumes, hábitos e capacidades que adquirimos ao longo de nossas vidas e que herdamos de nossos pais e antepassados.

Vimos nesta cartilha, que nosso país é constituído em meio à dominação violenta e esta não se dá apenas por meio de força física. Para dominar um povo é preciso subjugar mentes, destruir culturas e, no seu lugar, introduzir e reproduzir uma cultura que justifique a dominação, naturalizando-a.

Para Paulo Freire¹⁴, a cultura é “todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do ser humano, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros seres humanos”.

Se a cultura é uma ação do ser humano, este mesmo pode modificá-la. Não é por acaso que participantes da economia solidária dizem de forma recorrente: “a economia solidária é um modo de vida” ou “eu posso tentar sair da economia solidária, mas ela não sai de mim, está colada em mim”¹⁵.

A cultura é assim, constituímos e somos constituídos por ela, nos identificamos com ela, é ela guia os nossos passos, comportamentos e modos de compreender o mundo.

Paulo Freire diz que as classes dominantes têm uma teoria da dominação, que envolve irradiar e impor a sua própria cultura. Nós, da classe trabalhadora, também temos nossa teoria de libertação, a síntese cultural, que é antagônica à primeira. O quadro abaixo aponta pistas que Paulo Freire nos fornece para a libertação, e nós a adaptamos para a economia solidária. Veja:

14 FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e Prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. Ed. São Paulo, 1980, p. 38.

15 Fala de Tania Mara Jubanski, participante da Feira Permanente de Economia Popular Solidária.

INVASÃO CULTURAL NA TEORIA ANTIDIALÓGICA DA AÇÃO

Colonizadores invadem o mundo dos dominados para ensinar, transmitir e depositar conhecimento e assim expropriar com mais facilidade os recursos naturais e a força de trabalho.

Ação é mediatizada pelos meios de comunicação de massa (principalmente TV, internet e rádio) de forma que, quem invade nem precisa frequentar o território dos povos dominados.

A realidade deve ser mantida como está, em que as classes populares e oprimidas devem ser meras expectadoras e consumidoras.

Está a serviço da manipulação, da conquista e da dominação a fim de manter intactas as estruturas desiguais que privilegiam uma minoria com recursos materiais e poder.

SÍNTESE CULTURAL NA TEORIA DA AÇÃO DIALÓGICA

Educadoras e educadores da economia solidária estão no mundo das classes dominadas para produzir um conhecimento coletivo e libertador

Educadoras e educadores da economia solidária se integram com as pessoas do povo, que também são sujeitos da ação libertadora que ambos exercem sobre o mundo.

Não há pessoas expectadoras, e sim sujeitos ativos que transformam a realidade de maneira contínua e dinâmica.

Está a serviço da união e da organização, na construção de uma nova sociedade que compartilhe recursos e poder de forma autogestionária.

No último capítulo do livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire destaca que “todo o nosso esforço neste ensaio foi falar desta coisa óbvia: assim como o opressor, para oprimir, precisa de uma teoria de ação opressora, grupos oprimidos para libertar-se, igualmente, necessitam de uma teoria de sua ação”¹⁶.

Que a teoria dialógica da ação possa orientar nossa prática, iluminar os nossos relacionamentos em família, no trabalho, na comunidade, nos nossos coletivos de economia solidária, para um processo mútuo de libertação.

16 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 27. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 183.



FRANCISCA JAMAMADI, DESCENDENTE DOS POVOS ORIGINÁRIOS E QUE INTEGRA UM EMPREENDIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO VINCULADO À REDE MANDALA. CURITIBA-PR.

.....

.....

considerações finais

Esperamos que este caderno, o número 1 da série “História Social do Trabalho”, contribua para a reflexão e organização na construção de um mundo novo. Ele foi feito para quem acredita em um outro modo de viver, em uma nova cultura da solidariedade. Que seja possível, a cada dia, construir e erguer pilares para que o bem comum seja repartido de forma justa e as pessoas possam ser fraternas e felizes.

Podemos utilizar este caderno como luz que ilumina a prática social educativa com nossos companheiros e companheiras de economia solidária, esta é a nossa proposta. Que ele cumpra com sua finalidade e logo seja superado, criticado e complementado com outras leituras de obras de Paulo Freire e outras pensadoras e pensadores brasileiros que como ele, buscam fazer daqui, um país livre e feliz.



Apoio



Realização



SECRETARIA NACIONAL DE
INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

GOVERNO
FEDERAL

"É preciso ter esperança,
mas ter esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem esperança do verbo
esperar.

E esperança do verbo esperar não é esperança, é
espera.

Esperançar é se levantar,
esperançar é ir atrás,
esperançar é construir,
esperançar é não desistir,
esperançar é levar adiante,
esperançar é juntar-se com outras pessoas,
para fazer de outro modo..."

PAULO FREIRE